

INTERSECÇÕES URBANAS: religião, política e corporeidade negra na cidade de Pelotas

Carla Silva de Ávila¹

Resumo

O presente trabalho objetiva apresentar alguns fragmentos reflexivos da experiência vivenciada junto ao universo das organizações coletivas negras na cidade de Pelotas. Parte-se da noção de interseccionalidade apresentada pelo feminismo negro norte-americano, no intuito de pensar a ligação entre os afluentes que circundam a cidade e sua conexão com a filosofia política presente na prática tradicional de matriz africana. Através dos orixás femininos Iansã, Oxum e Iemanjá, busca-se pensar a cidade pela intersecção entre a militância, o sagrado enquanto elementos constituinte da resistência e a teoria produzidas por mulheres negras.

Palavras-chave: feminismo negro, militância, cidade.

URBAN INTERSECTIONS: religion, politics and corporeality black woman in the city of Pelotas

Abstract

This paper aims to present some reflective fragments of the experience lived in the universe of black collective organizations in the city of Pelotas. It starts from the notion of intersectionality presented by the North American black feminism, in order to think about the connection between the tributaries that surround the city and its connection with the political philosophy present in the traditional practice of African matrix. Through the Iansã, Oxum and Iemanjá feminine orishas, we seek to think of the city through the intersection between militancy, the sacred as constituent elements of resistance and the theory produced by black women.

Keywords: black feminism, militancy, city.

Pelotas Negra, Negra Pelotas...

Cidade circundada por Arroios, Rios e Lagoa.

Construída pelo legado, tecnologia e cultura africana através da exploração do trabalho escravo, que enriqueceu econômica e culturalmente essa cidade que chegou a receber o título de Princesa do Sul.

Tudo começa pelo Arroio Pelotas.

Águas doces que escoavam a produção da principal atividade econômica: o charque. Tecnologia trazida pela memória ancestral que, ao som do tambor do meio dia a meia noite, realizava o ciclo de matança da atividade econômica que ergue essa cidade.

Águas doces, doces águas de Oxum.

Oxum, que é cultuada nas margens do Arroio da charqueada São João.

Gruta feita por nossos ancestrais, de costa para o Arroio, pois pela produção do charque a água de doce fica salgada e pela escoação da produção, vermelha.

Pelotas é filha da Mãe Oxum,

Sendo o terreiro o primeiro espaço de organização religiosa e política negra dessa cidade.

Primeiro no terreiro e depois na Irmandade.

Irmandade Nossa Senhora da Conceição, que em 1820 institucionaliza oficialmente a uma das organizações negras pelotense.

Pelotas também é filha de Iansã.

Rodeada pelo Canal Santa Bárbara.

Vento e movimento, que levaram os ideais abolicionistas aos desfiles de carnaval

Carnavais de 1882 a 1888 que na hora da festa e da folia denunciava as atrocidades da escravidão.

Ação cultural e política que foi gerada na casa de Tia Benedita, Mãe de Santo que dava a proteção aos foliões antes do desfile começar.

Pelotas também é filha de Iemanjá.

Mostrando em 2 de fevereiro que, mesmo diante do preconceito e da intolerância, o povo de religião não se pode calar.

A Lagoa, que é Laguna, em 2 de fevereiro se transforma em mar.

Dia que toda a cidade vai saudar Iemanjá

Pelotas Negra, Negra Pelotas

Filha de três Orixás: Oxum, Iansã e Iemanjá

Tem na sua história, cultura e doçura, resistência, luta e tormenta.

Traz na sua feminilidade a ancestralidade cuidada, mantida e preservada.

Pelotas feminina que cuida do axé.

Completa 200 anos e como dessa parte não lembra?

Pelotas é Negra

Pelotas é Mulher

Pelotas é de Axé! ²

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Política Social e Direitos Humanos da UCPel e Professora do Centro de Ciências Sociais e Tecnológicas da UCPel. E-mail : sococarla@gmail.com.

² Texto feito para abertura do Evento Mulheres de Axé protagonizado por duas Ialorixás da nação Cabinda guardiãs do sagrado na cidade de Pelotas.

O texto acima retrata o sentimento por mim compartilhado em forma de poesia no evento protagonizado em Pelotas, chamado *Mulheres de Axé*. Em um frio e úmido inverno de 2012, típico pelotense, um rigoroso inverso de julho, reuniram-se mulheres de diversas cidades do Estado do Rio Grande do Sul, para pensar a situação das mulheres negras militantes e praticantes da tradição de matriz africana. Debateu-se sobre os enfrentamentos cotidianos por, em sua maioria, mulheres negras e de axé. Corpos marcados por uma série de estigmatizações historicamente construídas sobre ser mulher, ser negra e ser de matriz africana.

É com esse sentimento que o presente texto objetiva trazer alguns elementos vivenciados no universo de pesquisa com a população negra na cidade de Pelotas, durante 15 anos como pesquisadora negra e militante³. O texto busca ater-se aos processos que sinalizam a materialização do conceito de interseccionalidade, articulado pelo pensamento de mulheres negras, ao evidenciar os processos que atravessam as dimensões de gênero, classe, raça e sexualidade. A tessitura desta reflexão dar-se-á na apresentação de três pontos que expressam a interseção entre raça, gênero, classe e religiosidade atravessada no corpo negro.

A primeira parte do texto problematiza o cruzamento de contribuições teóricas de pensadoras negras norte-americanas que articulam a noção de interseccionalidade, bem como as autoras brasileiras que evidenciam a realidade das mulheres negras atravessadas pelo sexismo e pelo racismo. A segunda parte do texto deter-se-á na intersecção de elementos oriundos da prática e manutenção da tradição de matriz africana presentes na relação com uma cosmovisão que marca a tradição africana na cidade de Pelotas. Por fim, a última interseção apresentará algumas reflexões que atravessam esse corpo negro feminino.

Reflexões sobre o pensamento feminista negro

As contribuições das autoras feministas negras norte-americanas partem da verificação da distinção social e de históricos das percepções do conceito de mulher apresentados pelas feministas brancas já no final do século XIX, como no tradicional discurso de Sojourner Truth, vendida em leilão, aos 9 anos, acorrentada. Truth é a pioneira do Feminismo Negro, pois, em 1851, ao questionar *Eu não sou uma mulher?*, já articula a necessidade de pensar as noções de classe, raça e gênero para a realidade das mulheres negras (AKOTIRENE, 2019).

Kimberle Crenshaw (2015), ao considerar a interseccionalidade um conceito provisório que liga a teoria contemporânea à pós-moderna, busca mapear as intersecções de raça e gênero percebidas por um bom tempo de forma isolada. A autora sugere uma metodologia de percepção da realidade social, começando com as questões de raça e gênero e estendendo às dimensões de classe, orientação sexual, cor e idade.

Crenshaw (2017) apresenta a noção de interseccionalidade que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos estruturais. Trata de que forma o patriarcalismo, o racismo, a opressão de classe e outras opressões criam desigualdades básicas que estruturam a posição das mulheres na estratificação social. Questiona-se como ações políticas geram opressões e de que forma essas são percebidas e operacionalizadas. A interseccionalidade também

³ Por intermédio da pesquisa-militante vivencie desde o ano de 2004 o universo das organizações negras da cidade de Pelotas. No TCC da graduação junto ao Centro Educacional Odara (2004-2006). Na Especialização em Sociologia e Política, junto a grupos que organizaram a Marcha do Vinte de Novembro. (2007-2008). No Mestrado junto às Casas Tradicionais de Matriz Africana. (2009-2011)

é percebida como um metodologia para evidenciar as distintas realidades das mulheres no interior da realidade social.

Patrícia Hill Collins (2019), ao problematizar a realidade norte-americana, partindo da centralidade da análise das experiências e das ideias das mulheres negras, faz um contraponto ao contexto de vida das feministas brancas. Nos primeiros capítulos do seu livro *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*, a autora parte das experiências de lutas e resistência vivenciadas antes da própria articulação Europeia da noção de feminismo. Lutas travadas num contexto de superestrutura que colocava o homem e a mulher negra em condições de sub-humanidade. Trajetórias que denunciam uma dialética de opressão e de práticas de ativismo cotidiano que forjam a resistência negra.

bell hooks (2014), no seu livro *E não sou eu uma mulher? Mulheres negras e o feminismo*, trata da necessidade de quebrar silêncios através da articulação do registro de experiências que demonstram a construção histórica de um lugar de inferioridade destinado à mulher negra. Uma construção de um estereótipo de força e de quase não mulher.

No que tange o contexto brasileiro e latino-americano, Lélia Gonzales (1984) apresenta a relação entre o racismo e o sexismo. Analisa os processos de reflexão sobre as representações acerca do corpo da mulher negra, através da noção da mulata e da mucama, representações estigmatizantes que ainda hoje operam o imaginário social e cristalizam o ser mulher nesses lugares. A mulata é vista como resquícios dos cruzamento do sexismo e do racismo, um lugar de hipersexualização do corpo negro feminino, como a iminência de consumo rápido, fácil e descartado. Já a mucama, como herança direta da mentalidade escravocrata que marca esse corpo negro feminino como servil.

Lélia Gonzalez (1984) problematiza a construção do lugar social destinados a negros e negras no território nacional. Lugar estigmatizado pela inferiorização, marginalidade e hipersexualização dos corpos. Lugares delimitados pelo estigma e racismo estrutural, constituindo um apartheid social e territorial.

O pensamento de mulheres negras forja-se desde sua resistência no cruzamento experimentado nos navios ao atravessar o Atlântico em contexto de escravização dos corpos negros. Assim, a Assistente Social negra Carla Akotirene (2019) compreende a noção de interseccionalidade como uma sensibilidade oriunda de experiências concretas, como uma metodologia que possibilita perceber as múltiplas opressões que atravessam o ser mulher negra em contextos de diáspora. Refere-se a interseccionalidade como uma ferramenta ancestral de denúncia às múltiplas opressões de classe, raça e gênero. Questões teóricas que atravessam a trajetória de muitas mulheres negras que viveram a diáspora e têm em comum um passado escravocrata.

Djamila Ribeiro (2017) também problematiza na noção de lugar de fala à relação de gênero, raça, classe e sexualidade que atravessam corpos de mulheres negras. Atravessamentos que puderam ser percebidos em minha trajetória de pesquisa,

Oxum, Iansã e Iemanjá: águas que circundam a cidade, a negra Pelotas de Axé

A segunda intersecção apresentada está na relação entra a cidade com a manutenção da ancestralidade negra por intermédio da relação com o sagrado. Oxum, Iansã e Iemanjá. Águas que circundam a cidade e trazem a noção de gênero, beleza,

movimento e organização política. Segmento organizados por mulheres, mulheres dançarinas, mulheres militantes, mulheres de axé. Mulheres que impulsionaram e alicerçaram toda minha pesquisa e militância negra na cidade de Pelotas.

*Nessa cidade todo mundo é de Oxum*⁴

Pelotas é filha da Mãe Oxum,

Sendo o terreiro o primeiro espaço de organização religiosa e política negra dessa cidade.

Primeiro no terreiro e depois na Irmandade. Irmandade Nossa Senhora da Conceição, que em 1820 institucionaliza oficialmente uma das organizações negras pelotense.

No trecho do poema inicial deste texto percebe-se a possibilidade de intersecção entre elementos constituintes da filosofia política contida na prática das religiões de matriz africana (ANJOS, 2006). Elementos que possibilitam pensar numa Pelotas Negra de Axé, pensar a presença negra para além de um mexer o tacho, além de forjar tijolos nas coxas nas olarias, além da matança e da indústria do charque. Pensar pela lógica a partir da experiência das mulheres africanas, nos leva a percepção das inúmeras formas como os africanos e seus descendente forjaram sua resistência.

Oxum integra junto a Iemanjá e Oxalá os orixás considerados velhos por excelência, dona das águas doces, sua cor é amarelo e tem como característica a riqueza, negócios, feminilidade e maternidade (CORREIA, 2006). Já para Pierre Verger (2000, p.392), “Osun é a divindade do rio do mesmo nome que corre na Nigéria”.

Na doçura ressignificada no quindim, um dos doces que caracterizam uma tradição da cidade, destaca-se a materialização da presença negra para além do mexer de um taxo. Percebe-se toda uma relação com a feitura do doce e na própria relação constante com a divindade (KOSBY, 2007).

Outra característica do Orixá Oxum encontrada nas organizações negras da cidade de Pelotas é a beleza. Beleza contida na denominação em iorubá da Palavra Odara, que significa Beleza e Encantamento. O centro Educacional Odara vem há 20 anos, por intermédio do corpo e da dança de matriz africana, problematizar a história de luta e resistência negra. Um grupo formado por maioria de mulheres negras que, por intermédio de um belo trabalho coreográfico, traz no preparo e no movimento de um corpo resistência à ressignificação dos estereótipos de inferioridade socialmente construídos ao corpo negro (ÁVILA, 2006).

A noção de beleza é constantemente renovada de fevereiro em fevereiro nas ruas que se transformam em passarela do samba. O carnaval, para além de uma festividade, configurou-se como uma metodologia de resistência que atravessou o século XIX no pós abolição e na organização social e política dos clubes negros da cidade e nas Irmandades religiosas, uma delas com o nome de Nossa Senhora da Conceição (OLIVEIRA, 2013). Nossa Senhora da Conceição é uma das santas católicas que no sincretismo religioso cruza-se com o orixá Oxum.

⁴ Trecho da música “É d’oxum” de Davi Moraes.

*Rainha dos Raios, tempo bom, tempo ruim*⁵

Pelotas também é filha de Iansã.

Rodeada pelo Canal Santa Bárbara.

Vento e movimento, que levaram os ideais abolicionistas aos desfiles de carnaval

Carnavais de 1882 a 1888 que na hora da festa e da folia denunciava as atrocidades da escravidão.

Ação cultural e política que foi gerada na casa de Tia Benedita, Mãe de Santo que dava a proteção aos

Foliões antes do desfile começar.

Orixá Iansã, uma mulher guerreira, dona dos raios, dos ventos e redemoinho, no sincretismo religioso, realiza o cruzamento com Santa Bárbara. O Santa Barbara, um arroio que atravessa a cidade de Pelotas e que durante um bom período serviu como local de trabalho para as lavadeiras do Santa Bárbara, mulheres negras escravizadas e libertas, que já no século XVIII forjavam sua sobrevivência. As características do Orixá Iansã, como o vento, o movimento, a luta e o erguer a espada, atravessam a forma de organização política das mulheres em Pelotas (ÁVILA, 2011).

Os ventos de Iansã em movimento lembram as lideranças das mulheres negras na cidade de Pelotas, lideranças que vão dos campos da tradição africana, como as lalorixás, a guardiãs do sagrado e da manutenção da prática ritual, como Mãe Gisa de Oxalá, Iya Sandrali de Oxum, Mãe Neci de Oxalá (in memória) e Mãe Nara de Xapanã. Destacam-se mulheres, como Maritza Flores e Raquel Silveira, que idealizaram o centro de Educação Odara, uma das grandes organizações educativas de dança e políticas, que há 20 anos utiliza-se da dança de matriz africana na cidade de Pelotas. Por fim, tem-se lideranças negras femininas que protagonizam diferentes organizações políticas locais e internacionais.

Uma destas mulheres em movimento é a Doutoranda em Antropologia Social da UFPel, Marielda Medeiros, que, durante a gestão do Partido do Trabalhadores nos anos de 2012 -2015, esteve à frente da Pasta da Diversidade na 5ª Coordenadoria Regional de Educação/ 5ª CRE,(Negros, Quilombolas, Indígenas, GLBTQ) e da Pasta de relações Étnico-Raciais na Secretaria Estadual de Educação SEDUC/RS. Marielda atualmente coordena o Núcleo de Educadores negros e negras de Pelotas, e a Coordenadoria de Projetos da Ocupação Canto de Conexão/ Organização Anárquica. Outra liderança que teve destaque no cenário político foi a Professora e Mestre em Educação Ledeci Lessa Coutinho, que, junto ao governo PT na cidade de Canguçu, esteve à frente da Secretaria de Educação do município (2013-2016), sendo a primeira mulher negra a chegar em tal posto de poder no Estado do Rio Grande do Sul. Atualmente, Ledeci é diretora na Escola Estadual de Ensino Médio Monsenhor de Queiroz e Professora Tutora do Curso de Filosofia EAD UFPel. Ainda no cenário da política temos a sindicalista Ernestina Pereira, fundadora do Sindicato das Trabalhadoras Domésticas, participante da Pastoral do Negro e militante do Partido dos Trabalhadores. Ernestina já se candidatou à cadeira do legislativo municipal com a bandeira das trabalhadoras domésticas e do movimento social negro. Por fim, destaca-se a jovem pesquisadora Fernanda Oliveira, historiadora em estágio pós -doutoral na Universidade Estadual de Santa Catarina. Atualmente, é coordenadora Nacional do GT Emancipações e Pós-Abolição da Associação Nacional de História, do Grupo de Estudos Atinuké - Sobre o Pensamento de Mulheres

⁵ Compositores: Gilberto Gil / Caetano Veloso

Negras. Fernanda Oliveira foi a primeira mulher negra a ser Patrona da Feira do Livro na Cidade de Pelotas, no ano de 2019. Destacam-se, ainda, outras lideranças negras, como a professora e pesquisadora Georgina Helena, que protagoniza a luta política e gestacional das adoções das políticas de ações afirmativas na Universidade Federal de Pelotas. Eis aqui uma pequena mostra de mulheres negras pelotenses que, como o vento, levam suas experiências, como diz Collins (2019), produzindo intelectualidades com suas experiências de militância e intelectualidade.

Mulheres que com o seu movimento, embaladas pelos ventos de Iansã, vão desconstruindo esse lugar inferiorizado, ou hipersexualizados, destinado às mulheres negras no Brasil e nas Américas.

Hoje tem flores no mar, hoje tem festa na areia⁶

*Pelotas também é filha de Iemanjá.
Mostrando em 2 de fevereiro que mesmo diante do preconceito e da intolerância o povo de religião não se pode calar.
A Lagoa, que é Laguna, em 2 de fevereiro se transforma em mar.
Dia que toda a cidade vai saudar Iemanjá.*

Iemanjá, uma das mais populares dos Orixás no Brasil. Seu dia em sincretismo com o catolicismo é 2 de fevereiro, dia de Nossa Senhora dos Navegantes. Marca o sal contido na Laguna dos Patos, o Sal que salgou a carne bovina, que, através da mão de obra escravizada, leva a cidade a ser considerada a Princesa do Sul, em consequência da riqueza produzida pela indústria saladaria. O sal que leva o tambor e a organização da militância negra na cidade de Pelotas. Iemanjá é a orixá que detém o poder, o poder das cabeças, ou seja, o poder político. A intersecção entre religião e mulheres negras é percebido na organização de mulheres negras “Nós por Nós”, um grupo informal de mulheres negras, iniciado o ano de 2017, para leituras e estudos de obras escritas por mulheres negras. No ano de 2018, o grupo decidiu apoiar a candidatura para câmara estadual da Ialorixá Sandrali de Oxum. O mesmo grupo que organizou em 2012 o Mulheres de Axé e de destacou no cenário militante e educacional da cidade. Atualmente, as Ialorixás Gisa de Oxalá e Sandrali de Oxum fundaram o Conselho Municipal do Povo de Terreiro. Mãe Gisa está protagonizando o processo de patrimonialização de seu terreiro.

Além da relação com o poder político, a festa de Iemanjá, organizada pela Federação Rio-Grandense de Umbanda e Cultos Afro-brasileiros, constitui-se como uma grande festividade para a qual se desloca grande parte da população da cidade para o Balneário dos Prazeres. Momento que começa com a intersecção com o poder político local, no qual autoridades políticas oficiais ficam lado a lado com as autoridades afro-religiosas e a própria representação de Iemanjá. O evento é vivenciado por pessoas de várias cidades, mesclando a relação entre o sagrado e o profano. Numa mesma localidade a composição heterogênea de uma festa popular, uma multidão nas ruas que rumam à Laguna dos Patos. Na laguna, na tarde do dia 2 de fevereiro, o momento mais esperado, o encontro, o cruzamento no meio da Laguna entre Nossa Senhora dos Navegantes, no barco vindo da Colônia Z3 e a imagem de Iemanjá, carregada pelas filhas e filhas de religião. Isso tudo se repete ano após ano (AVILA, 2011).

⁶ Música interpretada pela cantora negra pelotense Giamarê, letra Ana Mascarenhas.

Intersecção em ação: religião, política e corporeidade negra na cidade de Pelotas

Pelotas Negra, Negra Pelotas
Filha de três Orixás: Oxum, Iansã e Iemanjá
Tem na sua história, cultura e doçura, resistência, luta e tormenta.
Traz na sua feminilidade a ancestralidade cuidada, mantida e preservada.
Pelotas feminina que cuida do axé.
Completa 200 anos e como dessa parte não lembra?
Pelotas é Negra, Pelotas é Mulher, Pelotas é de Axé

O breve ensaio se propôs a pensar na noção de interseccionalidade como uma metodologia, assim como se propôs Crenshaw (2017). Buscou ater-se à relação das águas que circundam a cidade com a ancestralidade e os corpos negros que habitam e forjam sua existência. Uma vez que se vive no estado brasileiro um projeto de extermínio do ser negro (NASCIMENTO, 2017), ou com o exercício da necropolítica (MBEMBE, 2018).

Objetivou-se apresentar os elementos que dialogam a partir das problematizações apresentadas pelas feministas negras ao articular dimensões de gênero, raça e classe. Cruzamentos que na realidade pelotense pode-se relacionar com a tradição de matriz africana, com a produção artística e com a organização política. Mulheres negras que, com as características da beleza e do encantamento de Oxum, com a forma e luta de Iansã e com o poder inspirado em Iemanjá, formam uma face distinta do discurso oficial da cidade. Intersecções que marcam o corpo e a existência de mulheres negras. Experiências forjadas e construídas a partir de inúmeras relações que expressam essa corporeidade que carrega, além da historicidade, marcas de um projeto genocida. Um corpo que resiste na manutenção com elementos leva à manutenção da existência africana em território brasileiro. Elementos que mostram a face da cidade que não está nos cartões postais e nem nos livros da história oficial. Elementos cruzados que revelam essa cidade que é feminina, que é negra e de axé.

Referências Bibliográficas

AKOTIRENE, ANJOS, José Carlos Gomes. *No território da linha cruzada: a cosmopolítica afro-brasileira*. Porto Alegre: Editora da UFRGS/ Fundação Cultural Palmares, 2006.

AVILA, Carla Silva de. *Beleza e Encantamento Negro. Estudo sobre afirmação étnica por intermédio do corpo na ONG Odara Pelotas/RS*. 2006. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais). Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas.

AVILA, Carla Silva de. *A princesa Batuqueira: Etnografia sobre a interface entre o movimento negro e as religiões de matriz africana na cidade de Pelotas/RS*. 2011. 403 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2011.

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo, Boitempo, 2019. CORREIA, 2006.

CORRÊA, Norton F. O batuque do Rio Grande do Sul: Antropologia de uma religião afro-riograndense. 2ª Edição. São Luis, Cultura & Arte, 2006.

CRENSHAW, Kimberlé. *Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres não-brancas*. Tradução de Carol Correia. Publicado em 23/12/2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mapeando-as-margens-interseccionalidade-politicas-de-identidade-e-violencia-contra-mulheres-nao-brancas-de-kimberle-crenshaw%E2%80%8A-%E2%80%8Aparte-1-4/> Acesso em: 01 de out. 2019.

CRENSHAW, Kimberlé. *Porque é que a interseccionalidade não pode esperar?* Identidade. SETEMBRO 27, 2015.

GONZALES, Lélia. *Racismo e Sexismo na cultura brasileira*. Revista Ciências Sociais Hoje. Antics, 1984, p. 223-244.

hooks, bell. *Não sou eu uma mulher? Mulheres Negras e feminismos*. 1ª Edição 1981. Tradução livre para a plataforma Gueto. Janeiro .2014.

KOSBY, Marília Flôor. *Aqui nós cultuamos todas as doçuras. Contribuição negra para a tradição doceira em Pelotas*. 2007. Monografia (Bacharelado em Ciências Sociais). Instituto de Sociologia e Política. Universidade Federal de Pelotas.

MBEMBE, Achile. *Necropolítica, Biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. N-1 Edições. 2018. NASCIMENTO, 2017),

RIBEIRO, Djamila. *O que é o Lugar de Fala?* Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017.

SILVA, Fernanda Oliveira. *Perspectivas sobre a racialização: a experiência dos clubes sociais e centros culturais na diáspora negra ao sul do Atlântico (Brasil-Uruguai)*. XXVII Simpósio Nacional de História . Conhecimento histórico e diálogo social. Natal/RN , 22 a 23 de Julho, 2013. https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548874918_735015262a02ad0ea9305aea2c590f37.pdf

VERGER, Pierre. *Notas sobre o culto aos Orixás e voduns na Bahia e na antiga costa dos escravos na África*. 2ª Edição. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.